

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

Aula de campo em geografia: saberes e práticas para o processo de ensino e aprendizagem

Igor Salvi Stringheta

Prof. Dr. Diego Corrêa Maia (orientador)

Rio Claro (SP)

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

Igor Salvi Stringheta

Aula de campo em geografia: saberes e práticas para o processo de ensino e
aprendizagem

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Licenciatura em
Geografia.

Rio Claro - SP

2023

S918a	<p>Stringheta, Igor Salvi</p> <p>Aula de campo em geografia: saberes e práticas para o processo de ensino e aprendizagem / Igor Salvi Stringheta. -- Rio Claro, 2023</p> <p>40 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Geografia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro</p> <p>Orientador: Diego Corrêa Maia</p> <p>1. Ensino de Geografia. 2. Trabalho de Campo. 3. Metodologia. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Igor Salvi Stringheta

Aula de campo em geografia: saberes e práticas para o
processo de ensino e aprendizagem

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências
Exatas - Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho, para obtenção do grau de
Licenciatura em Geografia.

Comissão Examinadora

Diego Corrêa Maia (orientador)

Gabriel Martins de Queiroz Sampaio

Bruno Moreira Riani Costa

Rio Claro, 20 de dezembro de 2023.

Assinatura do(a) aluno(a)

assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, cuja orientação e força me sustentaram ao longo dessa caminhada, iluminando meu caminho e proporcionando-me a perseverança necessária para alcançar meus objetivos.

Quero agradecer imensamente aos meus pais Antonio e Ana Paula, cujo amor incondicional, apoio e sacrifícios tornaram tudo isso possível. Sem o apoio de vocês eu não estaria aqui hoje. Obrigado por sempre acreditarem em mim.

Agradeço também a minha irmã, Lorena, com quem dividi o teto nesses anos de graduação e que sempre esteve ao meu lado, sua presença foi um conforto constante. À minha namorada, Thainá, que foi a luz que me iluminou nos dias sombrios sempre me motivando a continuar nesse caminho, seu amor e compreensão foram fundamentais.

Agradeço também aos meus professores, em especial, o meu orientador Diego, cuja dedicação foi fundamental para meu crescimento acadêmico. À Maria Bernadete, que me ensinou muito sobre a prática docente, tanto nas aulas, quanto no programa residência pedagógica. E também ao professor, Tiago, o qual me recebeu para um semestre de estágio e me ensinou muito, além de virar um amigo.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a minha formação, direta ou indiretamente. Seja por meio de apoio emocional, orientações ou simplesmente por acreditarem em mim. Esse TCC foi construído com ajuda de muitas pessoas especiais, seja família ou amigos. Obrigado a todos vocês.

RESUMO

A utilização do trabalho de campo na geografia não é recente, porém, ainda hoje pouco se utiliza de um método que tem resultados tão satisfatórios e que por ser estudado a tanto tempo deveria caminhar junto com o ensino da Geografia em todos os níveis. Investigar como essa proposta metodológica que é o trabalho de campo vêm sendo utilizada no ensino da geografia é o objetivo deste trabalho que pretende, também, mostrar a importância da utilização desse método para assim ampliar o interesse dos professores e alunos no desenvolvimento dessas atividades. O uso do trabalho de campo no ensino da Geografia pode contribuir de forma significativa para formação dos alunos, pois faz contato direto com o aprendizado, o que foi aprendido de forma teórica dentro das salas de aula pode ser entendido e explorado na prática em trabalhos de campo. Esse projeto tem um enfoque em pesquisa qualitativa, por isso o objetivo é entender junto com os professores a importância dessa atividade no ensino da geografia. Assim, foi aplicado um questionário para os professores de Rio Claro para compreender a relevância dessa metodologia e obter assim a valorização necessária do trabalho de campo no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chaves: Ensino de geografia, Trabalho de campo, Metodologia.

ABSTRACT

The use of fieldwork in geography is not new, however, even today little is used of a method that has such satisfactory results and that, because it has been studied for so long, should go hand in hand with the teaching of Geography at all levels. Investigating how this methodological proposal, which is fieldwork, has been used in teaching geography is the objective of this work, which also intends to show the importance of using this method to increase the interest of teachers and students in developing these activities. The use of fieldwork in the teaching of Geography can contribute significantly to the training of students, as it makes direct contact with learning, what was learned theoretically within the classroom can be understood and explored in practice in research work. field. This project focuses on qualitative research, so the objective is to understand together with teachers the importance of this activity in teaching geography. Therefore, a questionnaire was applied to teachers in Rio Claro to understand the relevance of this methodology and thus obtain the necessary appreciation of fieldwork in the teaching and learning process.

Keywords: Geography teaching, Fieldwork, Methodology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	11
3. O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA	14
ORIGEM DO TRABALHO DE CAMPO	14
OS CONCEITOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ACERCA DO TRABALHO DE CAMPO	17
O TRABALHO DE CAMPO NO CONTEXTO DO ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS	19
AS CORRENTES PEDAGÓGICAS QUE DIALOGAM SOBRE O TRABALHO DE CAMPO ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO	25
4. DISCUSSÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES	29
CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES	29
INDICADORES	31
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7. REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso mostrar a importância do trabalho de campo para o ensino da geografia. Para isso, buscou-se mostrar como essa metodologia de ensino tem um valor pedagógico significativo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Com esse intuito, alguns professores colaboraram para mostrar como a junção da teoria e prática podem contribuir para um ensino mais eficiente.

A geografia, desde os seus primórdios esteve relacionada a atividades ligadas ao campo. Seus primeiros registros são relatos de viagem que descrevem o que vinha sendo observado como a paisagem e a cultura dos lugares. A geografia surgiu com esse propósito, de observar para depois poder descrever e compreender a paisagem de cada local, juntamente com suas especificidades. Podemos falar então que realizar expedições com o objetivo de observar a paisagem é uma tradição na geografia.

Como disciplina, a geografia também está ligada à exploração e conhecimento do mundo. Como mostra a BNCC(2018), “Estudar Geografia é uma oportunidade para compreender o mundo em que se vive, na medida em que esse componente curricular aborda as ações humanas construídas nas distintas sociedades existentes nas diversas regiões do planeta.” (p. 359), ou seja, ela nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos, como a sua relação entre os lugares. Mas para que os estudantes realmente aprendam os conceitos geográficos é importante ultrapassar os limites da sala de aula e ver a geografia no mundo através de seus próprios olhos. Para isso, o trabalho de campo, como estratégia pedagógica, possui um papel fundamental no ensino e aprendizagem.

A aula de campo pode ser descrita como uma ferramenta indispensável para o docente que deseja melhorar o ensino de seus alunos. Visto que a sua prática é um conhecimento da área adquirido num bom contexto acadêmico que busca mostrar como a junção da teoria e prática têm um rico valor para a aprendizagem. Portanto, uma qualidade elevada de ensino procede uma boa formação dos docentes.

O trabalho de campo tem como objetivo a leitura da paisagem desenvolvendo um caráter problemático e questionador, pelo menos é o que Batista (2018) aponta, retratando a sua importância para o aluno descobrir o que não estava visível aos seus olhos dentro da teoria na sala de aula. Isso desenvolve também habilidades práticas como a observação, coleta de dados e análise do espaço. Além disso, à medida que o pensamento crítico é estimulado, é promovido também uma formação mais consciente dos estudantes.

Para realizar uma aula de campo como metodologia de ensino é importante considerar alguns aspectos, como a importância da aplicação de tal atividade, junto com a sua relação com a teoria já trabalhada em sala de aula, o preparo do professor para tal atividade e também como essa atividade pode auxiliar no ensino da geografia aumentando o conhecimento dos alunos. A aula de campo não pode ser tratada como uma simples excursão, por isso o preparo do professor é tão importante para realização.

Para esse preparo, o professor precisa ter um estudo detalhado da proposta para poder fundamentar uma discussão com os alunos. Como mostra Jesus e Santos (2019), ainda é difícil desmistificar a ideia de que a geografia se faz através da memorização do conteúdo, e por isso, o trabalho de campo acaba sendo um modo de mostrar como o ensino da geografia é também a prática. Quando o professor propõe tal atividade, é preciso mostrar claramente para o aluno como essa metodologia auxiliará seu processo de ensino e aprendizagem para obter os devidos resultados.

Para os alunos, o trabalho de campo possui um valor significativo na aprendizagem. Sendo assim, permite que eles constroem conhecimentos a partir do que foi observado e interpretado, permite também comparar suas observações com as executadas pelos colegas, além de compreender que ciência se faz mediante a formulação de teorias. Para o professor, a atividade pode auxiliar a mostrar aos alunos tudo aquilo que foi passado também na sala de aula.

Nesse contexto, esse trabalho de conclusão de curso tem como objetivo explorar a importância do trabalho de campo para o ensino da geografia. Analisaremos como essa metodologia de ensino enriquece a experiência de aprendizagem dos estudantes, contribuindo para a formação de cidadãos críticos. Além disso, buscamos evidenciar que a aula de campo não é somente uma atividade enriquecedora, mas um exercício fundamental para a formação de indivíduos que compreendem o mundo por sua totalidade.

Como forma de amparar esse trabalho, foi levado em consideração outros autores que ajudam a levar a discussão adiante e também falam como o trabalho de campo tem um grande valor para o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, professores que hoje atuam na sala de aula foram escutados e ajudaram a entender o valor de uma atividade como essa.

O trabalho está dividido em 3 capítulos, porém com a finalidade de responder a mesma pergunta: “Qual a importância do trabalho de campo?”. Então, esse trabalho utilizou-se da teoria apoiada em referenciais teóricos e da entrevista com professores que

atuam no ensino para poder mostrar de fato a importância dessa metodologia para o ensino e aprendizagem dos alunos.

O primeiro capítulo está dividido em alguns tópicos que foram entendidos como importantes, na primeira parte comentamos um pouco sobre a origem do trabalho de campo, é importante para mostrar como essa metodologia firmou-se ao longo dos anos. No segundo tópico discutimos um pouco sobre a conceituação do trabalho de campo, ou seja, apresentamos através das referências bibliográficas concepções acerca dessa prática pedagógica.

Ainda falando sobre o capítulo inicial, discutimos o trabalho de campo dentro do ensino da geografia, mostrando a capacidade que uma atividade como essa tem de no ensino e aprendizagem dos alunos. No último tópico trabalhado no capítulo mostramos algumas correntes pedagógicas que abordam o trabalho de campo, mantendo seu uso pedagógico.

No segundo capítulo da pesquisa buscamos apresentar os resultados acerca dos questionários que foram aplicados com professores de geografia de diferentes escolas no município de Rio Claro. E no terceiro e último capítulo apresentamos os resultados das análises das respostas dos entrevistados junto com alguns referenciais teóricos para poder relacionar a teoria estudada com o que os professores vivenciam.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos adotados para realização da pesquisa sobre a importância do trabalho de campo para o ensino da geografia são de natureza qualitativa e utilizou uma abordagem mista, combinando o levantamento bibliográfico e a aplicação de questionários com perguntas abertas e fechadas. A pesquisa buscou essa abordagem por buscar compreender de fato como essa metodologia é importante, mostrando que a opinião dos profissionais ativos são importantes para explorar o tema.

Uma perspectiva fundamental quando tratamos de pesquisa qualitativa é compreender como os indivíduos enxergam os fenômenos. Esses então criam conteúdos ricos em interpretações e visões de mundo singulares que tornam-se importantes para manter a neutralidade da pesquisa.

“Os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 51).

A metodologia primeiro passou por uma fase de construção do tema, que começou a ser construído através das experiências na própria graduação. Com isso em mente, buscou-se levantar um referencial teórico que pudesse contribuir para a pesquisa se desenvolver. Esse levantamento é fundamental para explicar, compreender e poder dar significado ao que queremos investigar. Então buscou-se através de uma pesquisa referências bibliográficas que constam no banco de dados do Scientific Electronic Library OnLine (SciELO) e Google Scholar (Google Acadêmico). Para a busca foram usadas palavras-chaves como: 1) Trabalho de campo; 2) Ensino de geografia; 3) Metodologia do trabalho de campo. Essas foram as mais utilizadas para poder explicar a importância desse tema.

Através do que foi obtido com esse levantamento inicial, um dos artigos foi o foco para levar adiante o projeto. É um artigo muito bem elaborado e de grande relevância para as pesquisas na área. O nome do artigo é “Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR”, desenvolvido pela Rosângela Justen-Zancanaro e pelo Prof. Dr. Celso Dal Ré Carneiro do, da

Unicamp. A pesquisa busca compreender a importância do trabalho de campo como metodologia de ensino e para isso aplica um questionário para os professores da área mostrando o impacto da metodologia.

E como aqui nessa pesquisa temos o mesmo propósito de mostrar a importância do trabalho de campo para o ensino da geografia num contexto atual, também desenvolvemos um questionário para ser aplicado com docentes que lecionam geografia nas escolas para compreender a relevância do tema para eles.

Como mostram (BOGDAN e BIKLEN, 1994), as entrevistas é uma forma de coletar dados na linguagem do próprio sujeito, o que permite ao investigador formular uma ideia da maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo, nessa pesquisa, como os sujeitos interpretam a importância do trabalho de campo.

Foi elaborado então um questionário com perguntas abertas e fechadas. A escolha dessas questões foi para obter uma coleta de dados mais aprofundada, mas que também os indivíduos tivessem espaço para expressarem de fato as suas opiniões. O intuito era entender como na visão dos próprios professores o trabalho de campo poderia ser uma metodologia fundamental para o ensino e aprendizagem dos alunos.

A ideia inicial foi a aplicação desse questionário para um pequeno grupo de professores, para podermos analisar de fato cada resposta e fazer a reflexão necessária acerca de cada posicionamento com as informações obtidas. Dessa forma, entrevistamos 5 profissionais da área que nos ajudaram a entender mais sobre o tema.

A primeira parte do questionário buscou entender um pouco mais sobre o perfil dos professores que estávamos conversando. Para isso buscamos saber sobre a instituição de formação, o ano de conclusão, se possui curso de pós-graduação e há quanto tempo atua na sala de aula, junto com que etapa escolar que trabalha. Com uma introdução, já podíamos imaginar o que esperar das próximas respostas.

Na segunda parte do questionário buscamos respostas mais diretas sobre o trabalho de campo. Então foi perguntado sobre a realização ou não dessa

metodologia, a frequência, a importância dessa atividade para o professor, a dificuldade para a realização, se possui apoio da coordenação pedagógica, as conquistas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos e sobre os temas que a geografia pode apoiar-se.

Todos esses procedimentos metodológicos nos ajudaram a compreender como a metodologia da aula de campo é importante para o ensino e aprendizagem dos alunos.

3. O TRABALHO DE CAMPO NA GEOGRAFIA

ORIGEM DO TRABALHO DE CAMPO

Evidentemente, não somente as concepções como também os conceitos de trabalho de campo, como ferramenta pedagógica e determinante do conhecimento científico especializado, sofreram significativas evoluções e mudanças ao longo dos anos, desde o seu princípio, incorporando elementos característicos de suas épocas.

Em um contexto de análise histórica, os procedimentos e abordagens comuns e afetas ao trabalho ou estudo de campo foram organizadas, sistematizadas e, por sua vez, categorizadas na obra de Bronislaw Malinowski, publicada na década de 20, intitulado “Argonautas do Pacífico Ocidental” (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020).

Essa literatura, em especial, destaca o panorama etnográfico e social de determinada sociedade, esta objeto de análise, de investigação de comportamentos e observação de fatos cotidianos, sendo, assim, construtos resultantes dessa prática essenciais para mobilizar um conhecimento que seja mais preciso, realístico e não apenas idealizado de uma cultura, fenômeno ou fato social.

Nesse sentido, notou-se que, ao descrever a metodologia empregada em seu estudo em relação à sociedade estabelecida em investigação, Bronislaw defendeu que essa abordagem investigativa não fica limitada somente a questões que definem a observação cotidiana da vida das pessoas, mas também seus comportamento, as suas posturas, sua forma de enxergar o mundo em que vive, a forma como interage e engaja socialmente, etc. (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021).

Bronislaw, ao investigar o cenário em evidência, percebeu como as dinâmicas e tessituras sociais são constituídas e como contribuem, decisiva e indubitavelmente, para a determinação dos comportamentos diversos dos indivíduos. Logo, o estudo *in loco* possibilitou, ao investigador, em primeiro plano, conhecer o panorama cultural e social, as políticas que alicerçam essa sociedade, fatos sociais, concepções de viés individual e coletivo e seus impactos no desenvolvimento.

Com isso, ante esses recursos de análise, Bronislaw estabeleceu os métodos e procedimentos comuns ao trabalho de campo, hoje amplamente difundido como construto didático nas escolas e como ferramentas possibilitadora de experiências e construção de conhecimento. Inicialmente, essa técnica, aplicável à realidade focal e funcional dos arqueólogos, ainda mais nas décadas de 40 a 50, contemplou, pois, as diversas abordagens de investigação de cenários sociais e os principais elementos e componentes que os definem; a partir desse acesso, os profissionais determinavam o conhecimento teórico relevante sobre o objetivo de análise, desenvolvendo teorias e pressupostos científicos na área, tornando concreto, sólido e consistente o saber e evidências encontradas (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021).

Das hipóteses estabelecidas sobre determinada cultura, segundo Bronislaw, a partir da observação de campo, eram elas contempladas para testes de falseamento, resultando em duas vertentes: se falsa, a hipótese era descartada e incompreendida no meio científico; se verdadeira e válida, transformava-se em teoria, concepção ou conhecimento relevante, a ser posteriormente divulgada nos canais de pesquisa (MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021).

Por isso, ficaram os modelos de Bronislaw intrinsecamente associados a uma evidente e ampla pesquisa sobre o cenário, o que, atualmente, define uma das fases do trabalho de campo, que é a pesquisa bibliográfica sobre um determinado tema, fenômeno ou fato no mundo social. Em especial nas décadas de 1970 e 1980, ainda mais com a profusão do conhecimento científico em todas as áreas, observou-se um alto nível, complexidade e número de pesquisas empíricas, em especial no contexto das Ciências Sociais, do Direito, das Ciências Econômicas, das Ciências da Saúde, etc. (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021)

Com o alto produtivismo acadêmico, foram exploradas diversas metodologias e abordagens de análise para tornar os estudos empíricos mais enriquecidos e com maior valor científico agregado à comunidade acadêmica especializada. Nesse meio, ficou o estudo ou trabalho de campo associado à necessidade estratégica de busca e exploração de realidades e fenômenos propensos a comprovação científica.

Na década de 1990, a Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e alguns núcleos acadêmicos europeus, tinham catalogado incontáveis estudos provenientes de estudos ou trabalhos de campo, evidenciando as suas

contribuições expressivas para a formação de conhecimento. Também na década de 1990, o estudo de campo passou a ser discutido, com um maior rigor e profundidade, nos meios acadêmicos, de modo a integrar os currículos acadêmicos (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021).

Mas, ainda assim, apesar de compor o escopo de grades curriculares, mesmo timidamente, a técnica de estudo de campo não era plenamente desenvolvida, como se conhece nos dias de hoje. Apenas na metade da década de 1990, essas práticas adquiriram mais substância, desenvolvendo seus procedimentos próprios e claros, o que tornou essa metodologia ainda mais contributiva para as mais diversas áreas e setores de conhecimento (SILVEIRA; CRESTANI; FRICK, 2014; MARQUES; MOTA; SOUZA, 2020; LIMA, 2021).

No Brasil, a sua adoção é ainda pouco contemplada nos meios acadêmicos e, embora aplicável a qualquer elemento de análise, nem sempre é preferencialmente escolhida como fonte básica e primária de investigação (VILELA, *et al.*, 2021).

No cenário brasileiro, evidentemente, os estudos de campo também surgiram e se desenvolveram como destaques e créditos especiais. No país, essa abordagem de análise foi introduzida, inicialmente, a partir da atuação de escolas de concepção e pensamento livres, em geral derivadas no modelo anarquista, em seguida sendo replicada no ambiente escolar, onde adquiriu novos significados e representações.

Ainda na perspectiva nacional, os trabalhos de campo foram ganhando maior fôlego e configurações estratégicas por meio das Escolas Nova e Tecnicista, quando tornou-se delineada, alinhada e coerente com a proposta educativa escolar e, pois, os objetivos educacionais (VILELA, *et al.*, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Essas escolas de pensamento trouxeram uma nova dimensão para o trabalho de campo, no contexto escolar, ainda mais quando a mesmo, apesar de em grande parte dos casos ser contemplada de maneira isolada, é, ainda assim, contemplada como prática de ensino pelos professores.

OS CONCEITOS E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ACERCA DO TRABALHODE CAMPO

De fato, dentre os principais recursos educativos, com reflexos consideráveis no processo de ensino e aprendizagem significativa no ambiente escolar, o trabalho realizado em campo, em especial aglutinando teoria e prática, desempenha papel e valor preponderante no que concerne ao desenvolvimento cognitivo dos alunos em quaisquer disciplinas experienciadas no ambiente escolar (VILELA, *et al.*, 2021).

Frente a potenciais metodologias mais inovadora, ainda mais aquelas que se valem da incorporação das tecnologias e das ferramentas de comunicação enquanto um recurso estratégico, o trabalho de campo desenvolve-se, por sua vez, como uma fonte mais valorativa, dinâmica e sistematizada, considerando a sua função de atuar e estimular, nos discentes, a investigação de cenários, espaços, ambientes, explorar as relações diversas que se desenvolvem, construtos pedagógicos e a capacidade de intervenção em situações-problema manifestadas durante a experiência.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido como aulas de campo contribuem para expandir o conhecimento desenvolvido em sala de aula, aperfeiçoando as teorias e os contextos curriculares, possibilitando uma atuação mais interventiva, onde alunos e professores, conjuntamente, atuam como atores capazes de apresentar soluções aos principais desafios que motivam essa didática. Assim, o trabalho de campo torna o processo de construção de conhecimento mais palpável, assertivo e produtivo, no que diz respeito à aprendizagem que seja relevante e orientada para determinar um valor social expressivo (JESUS; SANTOS, 2019; GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Em termos conceituais mais amplos, incorporando as diversos contextos e as suas dimensões de análise, o trabalho de campo acolhe-se como uma metodologia de ensino que integra a realização de estudos empíricos *in loco*, isto é, em cenários específicos - sejam estes urbanos, rurais, organizacionais, dentre outros -, a fim de elucidar determinados desafios, problemáticas e formas constituintes desse espaço de observação, abrindo possibilidades para a intervenção prática e corretiva (JESUS; SANTOS, 2021).

Os espaços fora da sala de aula despertam a mente e capacidade de aprender, pois se caracterizam como espaços estimulantes que, se bem aproveitados, se classificam como um relevante cenário para a aprendizagem. Ademais, a aula de campo se propaga, também, como um aumento de afeto e confiança entre discentes e docentes. Nesse contexto, compreende-se que a atividade de campo consiste no contato direto com o ambiente de estudo fora dos muros burocráticos da sala de aula, que permite ao professor o conhecimento de um instrumento pedagógico eficiente e bastante proveitoso na relação ensino-aprendizagem. Mas é importante destacar que, por ser um método didático que auxilia o professor ao desenvolver suas aulas teóricas, não deve ser adotada sem uma fundamentação prévia, tendo em vista que a sua função principal é a materialização da teoria (MAFRA; FLORES, 2017, p. 14).

Nesse sentido, compreende-se este conceito como uma abordagem didático-pedagógica que acessibiliza, como mecanismo de aprendizagem, verificar, explorar, identificar variáveis, confirmar ou falsear as informações, hipóteses ou os dados que, por si, permeiam os ambientes de análise, inclusive fomentando novos olhares, bem como novos prismas e perspectivas sobre o objeto da pesquisa (MAFRA; FLORES, 2017).

Ainda na seara conceitual, observa-se que:

O estudo de campo é, por definição, uma metodologia de trabalho que tem como instrumento a observação, pois é a partir dessa e das reflexões que ela enseja que emerge a consciência que tudo é formado a partir da relação de interdependência entre os organismos. Além de facilitar a visualização e a assimilação de conceitos expostos de forma didática, permite o entendimento dos vários fatores que concorrem em determinado contexto (GUEDES, 2021, p. 9).

Ademais, faz-se importante destacar, nesse aparato de discussão e reflexão, que o estudo de campo, para ser proveitoso e gerar melhor performance acadêmica (escolar), é preciso estar cercado de elementos necessários para validar suas ações de análise, assegurando a investigação contextual ou situacional; deve, para tanto, a metodologia em voga ser precedida de amplo conhecimento do ambiente explorado, com máxima familiarização acerca das temáticas que engendram esses espaços de observação e levantamento de material bibliográfico (MAFRA; FLORES, 2014).

A pesquisa bibliográfica é fundamental para definir as dimensões, escopos e a práxis das aulas de campo, considerando que torna o pesquisador/investigador de um determinado cenário mais afeto aos diversos contextos e conhecimento, o que o

capacita para compreender as dinâmicas ambientais com maior profundidade, rigor e facilidade, tornando a experiência mais enriquecedora (MAFRA; FLORES, 2014; JESUS; SANTOS, 2019; GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Não se observam, na prática, desempenhos satisfatórios e salutareos quando o pesquisador desenvolve um trabalho de campo, sem, antes de tudo, ter clareza das ideias e dos pressupostos que cerceiam o cenário de análise. Isso porque, sem essa introdução temática, dificilmente o pesquisador conseguirá, com maior proveito das experiências, compreender determinados fenômenos e fatos determinantes sobre o espaço em observação crítica ou analítica.

Dessa maneira, enquanto método ativo e interativo, que estimula a inclusão e também engajamento, o trabalho de campo e suas nuances tem sido cada vez mais fomentado e adotado nas escolas, ampliando as possibilidades de enriquecimento e dinamização da aprendizagem significativa, tendo em vista suas contribuições para a elucidação e investigação de fatos disponíveis no mundo concreto e real, exterior e mutável (LIMA, 2021; GUEDES 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Além disso, frente a esses impactos na aprendizagem, o trabalho de campo tem sido, também, referenciado como ação didática mais profícua para potencializar o conhecimento teórico adquirido aplicável ao cenário real e não hipotético. Logo, é, pois, este recurso pedagógico bastante contemplado nas dinâmicas de ensino, em especial como meios complementares ao conhecimento formativo em determinadas disciplinas, a exemplo da Geografia, cuja tessitura didática é propícia para adoção e implementação das estratégias da referida ferramenta.

O TRABALHO DE CAMPO NO CONTEXTO DO ENSINO DA GEOGRAFIA NAS ESCOLAS

Inegavelmente, os estudos de campo adquiriram um grande patamar relevante dentro dos ambientes acadêmicos e, em pouco tempo, nos espaços escolares, onde cada vez mais têm sido estimuladas práticas e também abordagens científicas que dialoguem e fundamentam determinados fenômenos ou fatos sociais, possibilitando a intervenção dos discentes e sua interação mais produtiva e atuante.

Nesse sentido, adotar os procedimentos intrínsecos aos estudos de campo e suas nuances, como prática de ensino docente, tende a refletir em uma inovadora e

valorosa fonte de construção de conhecimento acessível e relevante, sendo esta um dos principais objetivos da educação básica, em qualquer nível de ensino: o Ensino Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Ensino Superior (MAFRA; FLORES, 2014; JESUS; SANTOS, 2019; GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Ao mesmo tempo, tornam-se essas estratégias de ensino bastante distintas e diferenciadas das abordagens admitidas em sala de aula; tem-se observado muitos avanços no contexto inclusivo das técnicas de trabalho de campo enquanto recurso de ensino por professores, em especial nos principais documentos orientadores da educação no Brasil, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (VILELA, *et al.*, 2022; VENDRAMINI; ALBUQUERQUE, 2023).

Ademais, no contexto inclusivo e didático-pedagógico, aderir ao estudo de campo como UM meio inovador e contemporâneo de ensino tem gerado impactos profícuos no processo de aprendizagem dos estudantes. Isso porque:

A atual situação da educação, configurada pela desmotivação de alunos, precariedade de recursos e investimentos, falta de estrutura em algumas unidades escolares, e a desvalorização dos profissionais da educação são fatores que limitam e dificultam o ensino de qualidade. Além disso, a escola tem urgido por metodologias de ensino que se desloquem do campo teórico para o chão da sala de aula, respeitando as adversidades dos alunos e dos professores. Em ambiente cheio de desafios como a escola, que se depara cotidianamente com mudanças socioculturais e tecnológicas atuais, instigar os alunos e professores a romperem as fronteiras estruturais da escola representa um passo à frente para o ensino e aprendizagem. Perceber as mudanças nos diferentes espaços e lugares é válido para a compreensão e a construção dos saberes geográficos, sendo também verdadeiro exercício de cidadania (BELIZÁRIO, 2020, p. 77).

Em geral, as pedagogias consideradas tradicionais ou modelo conservadora têm - considerando diversas configurações nos ambientes de ensino-aprendizagem e os avanços das ferramentas de inovação e comunicação, dentre outros preditores - deixado de ser recurso prioritário nas unidades educacionais para ceder espaço mais amplo para desenvolvimento de novos modelos educativos, estes situacionais e contextuais, isto é, alinhados às necessidades contemporâneas (BELIZARIO, 2020; BORGES, 2020; CASTELLAR, 2023).

A educação de forma geral perpassa, pois, variados contextos que promovem o maior desenvolvimento de potencialidades, a partir da aquisição de aprendizagem

mais efetiva, e, também, apresentam aos alunos diversas perspectivas contextuais e sociais. Nesse sentido, as práticas docentes de ensino têm buscado cada vez mais estimular interesse, atratividade, a motivação necessária e a interação dos mesmos em processos de construção de conhecimento e uma base teórica para fundamentar tomadas de decisão e enfrentamento das situações-problema que se destacam no cotidiano.

Com ênfase na aprendizagem expressiva e de alto valor social, considerando que os discentes precisam destacar as suas competências, habilidades e aptidões diversas, buscando atuar e contribuir positivamente para desenvolvimento produtivo da sociedade, os docentes estão inclinados a adotarem modelos mais eficazes para envolver e estimular os alunos, refletindo sobre didáticas e práticas curriculares que elevem e potencializam essas qualidades e atitudes pessoais, ainda mais vistos os esforços para capacitar os indivíduos como sujeitos conscientes da realidade social em que vivem, proativos e interventores (JESUS; SANTOS, 2019; GUEDES, 2021; CASTELLAR, 2023).

Nesse aparato de discussão e reflexão significativa, o trabalho de campo não se distancia desses preceitos e bases epistemológicas da educação, transformando o cotidiano de ensino e aprendizagem em sala de aula e levando, na prática, para o ambiente externo, o espírito de investigação, curiosidade e mobilização de saberes e conhecimentos afetos ao desenvolvimento como um todo.

Os procedimentos comuns aos estudos de campo encontram-se dinamizados e engendrados nos currículos didáticos escolares, ainda mais estimulados em certas disciplinas, em especial quando estas, por sua própria natureza e faceta pedagógica, analisa, descreve e investiga os cenários sociais, ambientais, culturais e políticos, a exemplo da Geografia (MAFRA; FLORES, 2014; GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022; CASTELLAR, 2023)

Como componente disciplinar e formativo do cidadão, a Geografia tem como finalidade precípua compreender a dinâmica espacial para dar suporte à elucidação e planejamento das ações e práticas humanas sobre o ambiente, seu processo de intervenção, os meios naturais que lhes servem de subsistência, etc.

Faz parte do escopo da Geografia entender as formas de relevo, fenômenos climáticos e ambientais, as composições e identidades sociais, os hábitos humanos e seus comportamentos refletidos em diferentes lugares, tornando essas fontes de análise e exploração substanciais para o desenvolvimento de conhecimento dentro

dessa área do saber. Em se tratando dessa abertura à inclusão de metodologias que sejam mais afetas à investigação e observação, como o trabalho de campo, nota-se, pois, uma grande afinidade e alinhamento entre um e outro polo de conhecimento (GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022; CASTELLAR, 2023).

Primeiro porque, por ser a Geografia uma área que investiga os cenários e os ambientes socioculturais, fica, dessa forma, os estudos de campo intrincados como fonte complementar de análise, tornando o processo mais concreto e enriquecedor. Em segundo plano, como a Geografia abre possibilidades para inclusão de diversas ferramentas de base investigativa e interventiva, o estudo de campo acaba por ser uma configuração metodológica compatível com essa faceta didática, reforçando o seu alto valor agregado, epistemológico e mobilizar (VILELA, *et al.*, 2022).

Por fim, uma terceira perspectiva também pode ser refletida nesse meandro: a de que a Geografia cada vez mais tem aberto um espaço produtivo para que novas formas de estudo e mecanismos metodológicos sejam incorporados como recursos e ferramentas de exploração dos espaços que compreendem seu escopo de análise. Com base nessa seara, especialmente, evidencia-se entendimento de que torna-se a Geografia um importante caminho para compreensão dos espaços urbanos, além dos naturais, e as suas potencialidades (MAFRA; FLORES, 2014; JESUS; SANTOS, 2019).

Toda cidade e outros meios preserva aspectos históricos e geográficos, não somente através de construções físicas, mas também pelo desenvolvimento socioeconômico, cultural e político, representados em sua paisagem. O estudo e o reconhecimento dessas particularidades podem contribuir para a formação de um novo olhar em seus habitantes. Logo, é imprescindível que as novas gerações reconheçam esses aspectos históricos e geográficos não somente como meros repetidores, mas, exercendo o dever de cidadãos, compreendendo seu lugar e reafirmando sua identidade (JESUS; SANTOS, 2019, p. 26) .

Dessa forma, abrir precedentes estratégicos para oportunizar novas situações de aprendizagem para os indivíduos em fase escolar é uma ação imprescindível à formação e concretização de novas perspectivas, sentidos, oportunidades e também significados, estes desenvolvidos continuamente no ambiente de análise, tornando a sua atuação cheia de potencialidades e magnitude científica.

Outrossim, estimular a observação *in loco* de diversas configurações espaciais que permeiam a sociedade e as culturas existentes é outro elemento preponderante para tornar Geografia mais estimulante, atrativa e motivadora. Tomando como base a didática contemporânea, que valoriza predominantemente as didáticas inovadoras e abertas, além de flexíveis, tornam-se os estudantes, na condição de pesquisador e investigador de sua própria realidade sociocultural, atores cruciais para elevar, pois, o valor científico dessas práticas metodológicas (MAFRA; FLORES, 2014; JESUS; SANTOS, 2019; GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Borges *et al.* (2022, p. 35) discriminam, em seus estudos, que “é importante que se estimule o educando a indagar o porquê das coisas para o mesmo não se conformar com a simples situação dos fatos, entretanto, partir para análise criteriosa com uma visão crítica”. É construto da Geografia motivar indivíduos à investigação e à reflexão crítica dos fenômenos, acontecimentos e dos fatos que se desenvolvem dentro dos ambientes sociais, de modo que, somente dessa forma, esses sujeitos poderão intervir devidamente em situação-problema ou objeto de sua curiosidade e interesse em conhecimento (VILELA, *et al.*, 2022; CASTELLAR, 2023).

Alencar (2021, p. 23) enfatiza, em suas concepções, que trabalho de campo acessibiliza, ao indivíduo pesquisador, contato direto e imediato do discente com o cenário e a realidade espacial, maximizando as possibilidades e as chances de engajamento e interações com situações reais que se manifestam no escopo desses ambientes. Além de abordar conteúdos específicos da Geografia, a técnica em voga tende, dentre outras dimensões de discussão, a aproximar professores dos alunos e outros membros da comunidade escolar, refletindo positivamente sobre o processo de desenvolvimento da aprendizagem (MOREIRA; MARQUES, 2021) .

A didática deve nortear a implementação de reflexões que sejam significativas e colaborativas para os envolvidos nesse processo de aprendizagem, favorecendo que novos conceitos, concepções e ideias sejam construídos e que as experiências sejam verdadeiramente transformadoras. Outrossim,

Diversos conteúdos da geografia podem ser trabalhados em aula de campo, seja de natureza teórica, prática, natural, social e contextos outros. Para isso, faz-se necessário um estudo detalhado por parte do professor para que tenha base teórica para fundamentar toda discussão com os estudantes. Propor que os alunos realizem seu próprio campo é também

uma grande oportunidade de reconhecerem diferentes espaços, fotografarem o que lhe chama mais atenção e no chão da sala de aula socializar tudo que foi visto/analísado, tirando possíveis dúvidas com professor. A metodologia de investigação pode aguçar nos alunos diferentes formas de reconhecer o seu lugar de vivência e apresentar questionamentos que podem ser respondidos por meio de pesquisas, das análises e das discussões com toda a turma (ALENCAR, 2021, p. 29).

Evidentemente, faz-se de fundamental relevância esclarecer que os estudos de campo não são plenamente eficazes em todos os prospectos de análise dentro do ensino da Geografia, argumento também aplicável a outras áreas acadêmicas. É preciso destacar, nesse contexto, que o estudo de campo somente produz impacto positivo na aprendizagem a partir da compreensão, por parte dos estudantes, dentre outros, da organização do espaço natural e social em que habita em seu cotidiano e, ao mesmo tempo, demonstrar a capacidade de aplicação dos conteúdos adquiridos em sala de aula às realidades apresentadas (MOREIRA; MARQUES, 2021; VILELA, *et al.*, 2021).

Por sua vez, esse conhecimento e sua aplicação somente torna-se valorativo e efetivo com a preparação e capacitação dos docentes para apresentação da base teórica e contextual sobre o estudo de campo aplicável ao ensino da Geografia, em especial quando compreende as realidades em que seus alunos estão inseridos, os desafios que permeiam sua existência e as interferências destes nos meios naturais e, conseqüentemente, as implicações dessas ações.

Entende-se que adotar o trabalho de campo em disciplina isolada, como é o caso da Geografia, é uma tarefa bastante desafiadora, complexa e, em muitos casos, desmotivadora para os docentes, isso porque, em muitas escolas e instituições, são essas práticas metodológicas não contempladas nos currículos ou estimuladas. Por meio dessa ausência de estímulos, ficam os professores e alunos presos a recursos mais conservadores de análise espacial, em especial com base no livro didático e os materiais impressos (GUEDES, 2021; PATERNOSTRO; FONTES, 2022).

Outro obstáculo bastante evidente para não adotar o trabalho de campo como construto didático no ensino da Geografia, perpassa, também, a indisponibilidade de tempo para tal procedimento, em especial em função da reduzida carga horária de disciplinas no Ensino Fundamental e Médio, quase sempre insuficiente para aderir e

contemplar esse aspecto como motivador de aprendizagem (LIMA, 2021; ALENCAR, 2021; CASTELLAR, 2023)

Espera-se, nesse viés, que aliar a Geografia às demais áreas, em caráter inter ou multidisciplinar, possibilita presença significativa do trabalho de campo enquanto elemento indispensável à atuação e construção de conhecimento substancial.

AS CORRENTES PEDAGÓGICAS QUE DIALOGAM SOBRE O TRABALHO DE CAMPO ENQUANTO FERRAMENTA DE ENSINO

Claramente, em investigação à literatura especializada que versa sobre estudo ou trabalho de campo como proposta de ensino, ainda mais na Geografia escolar, se tornam renegadas à discussão e ao aprofundamento científico, os estudos de base empírica ou de revisão de literatura sobre as influências das correntes pedagógicas sobre essas determinações especiais na aprendizagem.

Observa-se, de fato, um resultado contraproducente que dialoga sobre a ação das correntes pedagógicas sobre a formação do pensamento didático que coloca os trabalhos de campo em um patamar substancial enquanto prática de ensino e, ainda mais, tornam-se essas implicações temáticas incólumes ao interesse e a estímulos para investigações que contemplem esta modalidade focal de estudo.

Outrossim, apesar da rasa literatura, as correntes pedagógicas desempenham um importante papel e valor na construção de um cenário de ensino-aprendizagem que seja diretamente alinhado às demandas sociais que se manifestam no ambiente em que encontram-se inseridos os indivíduos em questão. Por meio delas e de suas especificidades, tornaram-se cada vez mais evoluídas, partícipes, equânimes, além de integralizadoras, metodologias de ensino, que, ao longo do tempo, apresentaram transformações substanciais (SOUZA; JULIASZ, 2019; ALENCAR, 2021; GUEDES, 2021).

Todavia, o entendimento que formaliza o conceito dessas correntes revelam o seguinte construto. A educação, observada em cada momento histórico, cultural e social, foi imbuída de desenvolver competências específicas e possuía uma função a ser cumprida; nesse escopo, essa função encontrava-se alicerçada à perspectiva e dimensão de prática social que envolvia aluno-professor (SOUZA; JULIASZ, 2019).

Isso posto, de forma perceptível e modificadora, os sinais e imagens oriundos das experiências sociais e da vivência no ambiente reflete-se no interior da escola e, conseqüentemente, em suas abordagens de fortalecer as práticas de ensino, o que torna esses elementos cada vez mais alinhados à dinâmica espacial mutável, assim como contínua. Ademais, as instituições de ensino e escolas constituem-se como o ambiente de grande profusão de conhecimento, discussões ideológicas e, também, é nesse espaço que se constroem múltiplas relações sociais e mecanismos que, por si, expliquem ou aprofundem as teorias que busquem promover a verdadeira ruptura nas desigualdades sociais, marginalização ou em estigmatização (SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

Logo, uma educação de qualidade fundamentada em conteúdos científicos, artísticos e filosóficos é um dos principais elementos das correntes pedagógicas, de modo a diferir entre elas apenas em termos de dimensões de análise e validade dos impactos que produzem nas escolas, no ensino e especialmente na aprendizagem.

A corrente ou tendência pedagógica, em nível conceitual, descreve-se como a orientação teórica que visa orientar os mecanismos didáticos aplicados na escola, orientando o trabalho docente, na direção de uma aprendizagem significativa, além de simplificada, relevante e acessível. Dentre as principais correntes pedagógicas, destacam-se as tradicionais, renovadas, progressistas, renovadas não diretivas e as tecnicistas - todas elas no escopo mais amplo da "abordagem liberal" - e os modelos de pensamento pedagógico de vertente "progressista", subdivididas em libertadoras, libertárias e, por sua vez, as que admitem um modelo crítico-social dos conteúdos (SAVIANI, 2018; SOUZA; JULIASZ, 2019; SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

Outros autores classificaram essas correntes pedagógicas em duas óticas: as que encontram-se amparadas pelas teorias não-críticas, aquelas que são validadas e referenciadas no contexto das teorias crítico-reprodutivistas e as que são afetas às teorias críticas propriamente ditas (SAVIANI, 2018; SOUZA; JULIASZ, 2019).

Do primeiro posicionamento, a corrente tradicionalista foi discutida dentro dos tópicos anteriores, com aulas centradas no docente, burocratizadas, inflexíveis e, em partes, mecanicistas. Por sua vez, a perspectiva da teoria da pedagogia nova eleva o entendimento acerca da figura da escola como parâmetro de enfrentamento para a situação da marginalidade, desigualdades, arbitrariedades, etc. Essa vertente tende a integrar, incluir e engajar o indivíduo marginalizado, transformando sua

realidade e cotidiano a ponto de torná-lo participativo, proativo e interventor (SAVIANI, 2018; SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

A corrente tecnicista define os espaços mais profícuos para determinar todos os sujeitos como indivíduos dotados de racionalidade, de capacidade decisória, ação comunicativa eficiente e munido do conhecimento necessário para apresentar, pois, soluções eficazes para situações-problema que perpassam a sociedade (SAVIANI, 2018; SOUZA; JULIASZ, 2019; SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

As teorias progressistas buscam desenvolver a ideia de uma pedagogia que tenha a pretensão ideológica de satisfazer as demandas dos indivíduos dominados pelo sistema capitalista e suas implicações em múltiplos segmentos sociais, dando a cada indivíduo enquadrado nesse *status* os recursos, as ferramentas e mecanismos necessários para construir conhecimento e aprendizagem significativa e acessível (SAVIANI, 2018; SOUZA; JULIASZ, 2019; SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

A corrente da pedagogia crítico-social dos conteúdos insere a escola e demais instituições de ensino como atores preponderantes na difusão, compartilhamento e fomento de temáticas e conteúdos que sejam pertinentes ao mundo real, de modo que possam ser úteis e facilmente aplicadas como resoluções para certos desafios. Os conteúdos, a partir da ótica de reflexão dessa corrente, precisa ser alinhado aos contextos que evoca, indissociável da prática escolar, mutável e dinâmico, podendo ser revelador e concreto (SAVIANI, 2018; SOUZA; JULIASZ, 2019; SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022).

As correntes que são afetas às pedagogias liberais são compreendidas como aquelas que enxergam nas ações e práticas democráticas, na inclusão, participação, no diálogo e na definição de recursos inovadores um caminho mais eficiente para se formar cidadãos atuantes, reflexivos, críticos e também engajados nas realidades e causas sociais. A Renovadora Progressiva coloca os estímulos e a curiosidade dos alunos como variáveis indispensáveis à formalização das práticas de ensino. Nesse escopo, o estudo de campo adquire um alto valor científico, pois possibilita a maior aproximação e investigação do cenário espacial (SAVIANI, 2018).

A corrente libertadora revela o indivíduo como agente de transformação e de mobilização social, atuando de forma interventiva e resolutiva. Outrossim, o caráter libertário da seguinte corrente pressupõe um sujeito auto crítico, reflexivo em

relação a suas próprias ações e comportamentos, conscientização e avaliação de cenários (SBARDELOTTO; FRANCISCHETT, 2022) e os impactos sobre o desenvolvimento desses indivíduos.

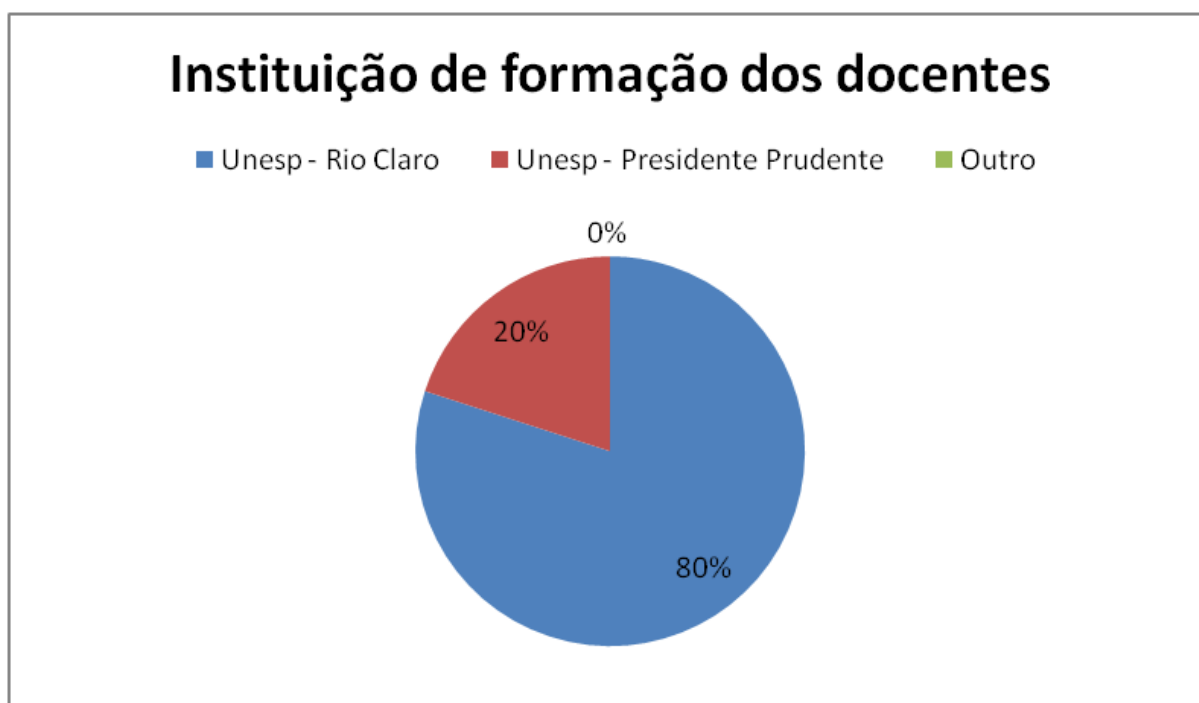
4. DISCUSSÃO DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES

CARACTERIZAÇÃO DOS PROFESSORES

Como o objetivo principal da pesquisa é entender a posição dos professores, julgou-se importante fazer uma caracterização do grupo de estudo, para que entendêssemos melhor a opinião deles. Então foi proposto que eles nos informassem a respeito da instituição de formação, o ano de conclusão, alinhado se possui algum curso de pós-graduação. Perguntamos também há quanto tempo exercem sua profissão e em que etapa escolar trabalha.

Quando perguntamos sobre a instituição de formação dos professores, pudemos perceber que todos os 5 entrevistados são formados na Unesp, 4 deles em Rio Claro e uma professora de Presidente Prudente. Todos possuem licenciatura em Geografia.

Figura 1: Instituição de formação dos docentes.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

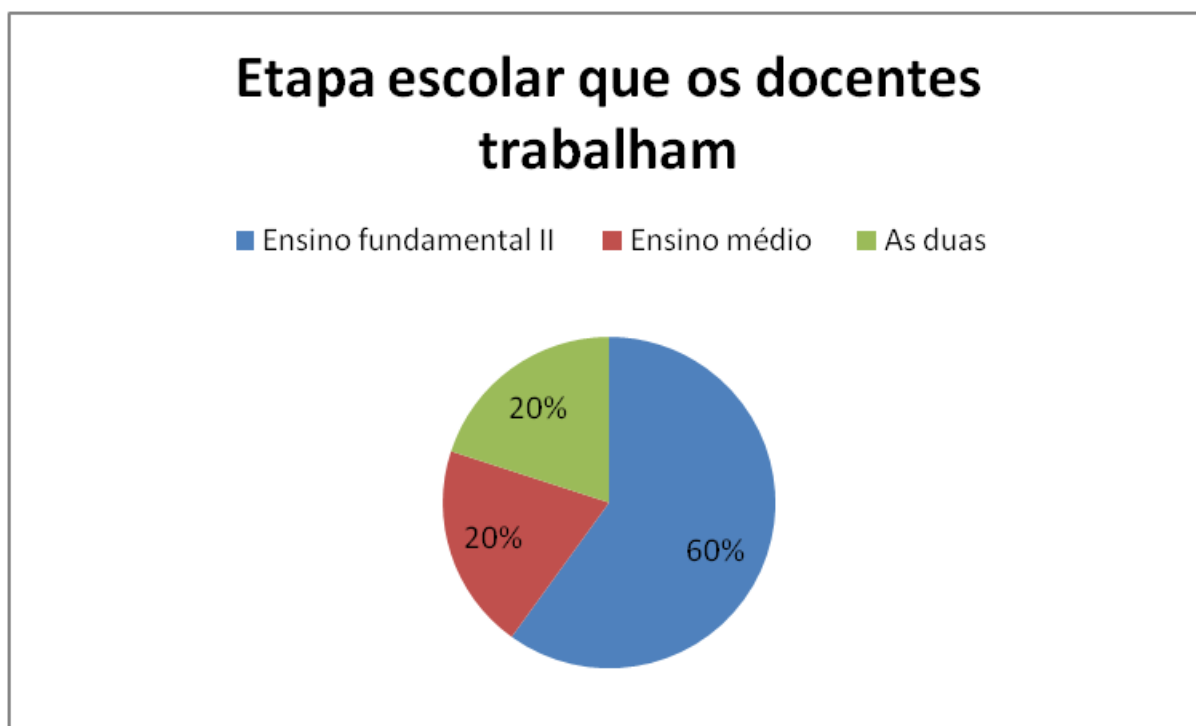
Vendo que todos os entrevistados foram formados na Unesp, foi um fator que nos levou a acreditar que teríamos resultados positivos no desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a própria vivência dos docentes podem ter contribuído para formação de opinião a respeito dessa metodologia.

Uma outra pergunta que fizemos aos entrevistados foi o ano de conclusão do curso. Observamos que 2 dos nossos entrevistados concluíram a graduação antes dos anos 2000 e os outros 3 professores foram formados entre os anos de 2008 à 2010. O ano de formação é uma informação importante, porque em diferentes épocas, as aprendizagens são diferentes, podendo nos mostrar informações diversificadas.

Os professores foram questionados se possuíam curso de pós-graduação. Nas respostas observamos que dos 5 entrevistados, apenas 1 não possuía curso de pós-graduação. Essa informação era para observar um enriquecimento na formação dos professores que poderia ser adquirida.

Os professores também foram questionados sobre o tempo de atuação dentro da sala de aula. O tempo de docência pode ajudar a entender o quanto de experiência já foram adquiridos. Nos nossos dados observamos que nenhum dos nossos entrevistados tem menos do que 10 anos de experiência na sala de aula. Ou seja, todos já tiveram chance de entender o que é melhor para o ensino e aprendizagem dos alunos. Um último dado que coletamos para entender o perfil dos docentes foi em que etapa escolar que eles trabalham e obtivemos respostas variadas.

Figura 2: Etapa escolar que os docentes trabalham

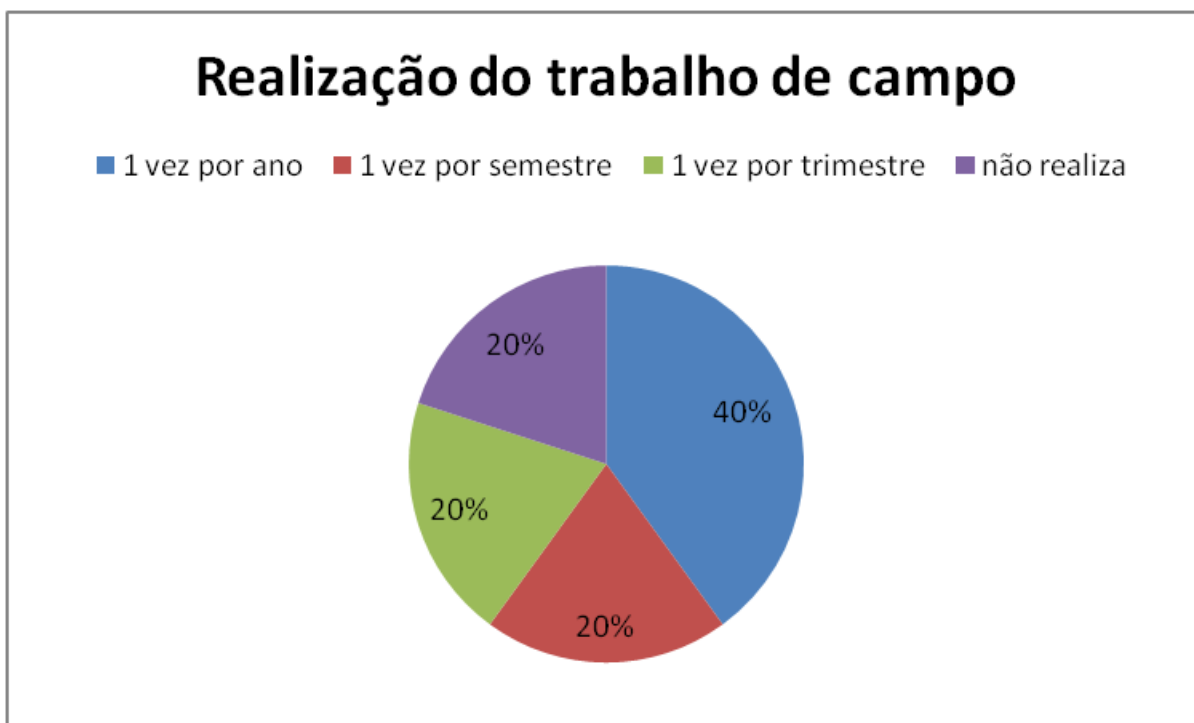


Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

INDICADORES

Num segundo momento da entrevista buscamos entender de fato qual é a importância do trabalho de campo para os professores. Para isso perguntamos se ele pratica essa metodologia e com qual frequência. Essas duas perguntas introdutórias já nos mostravam o que esperar das próximas respostas. Dos 5 entrevistados, apenas 1 docente não realizava trabalho de campo. Dos 4 que realizavam apresentaram frequências diferentes.

Figura 3: Realização do trabalho de campo



Fonte: Elaborado pelo autor: 2023.

Com relação a frequência de realização, todos os entrevistados relataram que queriam fazer mais saídas de campo do que fazem, mas que as dificuldades para a realização impedem que essa metodologia seja utilizada mais vezes. Essa foi uma questão da entrevista, então questionamos os docentes qual era a maior dificuldade para a realização de uma atividade como essa.

A principal dificuldade relatada por todos foi a questão financeira, mas apareceram outros empecilhos para realização como o próprio apoio da escola, outro motivo foi a dificuldade de encaixar essas atividades nas que já estão previstas pelo calendário escolar. Alguns professores também comentaram a dificuldade de organização de uma atividade como essa.

Os docentes também foram questionados sobre possuir o apoio da coordenação pedagógica para realizar uma atividade como essa. Dos 5 entrevistados, apenas 1 respondeu que não tinha esse apoio, e foi justamente o docente que não pratica esse tipo de atividade.

Os professores também foram questionados sobre a importância de uma prática como essa para eles como professores e sobre as conquistas que uma metodologia como essa traz, sobretudo no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Nesse ponto, as respostas foram bem parecidas, os professores falaram que essa metodologia é fundamental para ver a teoria na prática, ou seja, ver o que é estudado dentro da sala de aula. Os docentes nos disseram que é um complemento do conteúdo, uma forma de enriquecer o ensino e aprendizagem dos alunos. Já sobre as conquistas para os alunos, os docentes disseram que tentam mostrar como a geografia faz parte do cotidiano dos alunos e que queriam que eles se sentissem pertencentes ao espaço. Um docente, ainda, disse que uma prática como essa é importante para própria formação dos alunos, uma vez que possibilita uma maior socialização.

“Uma outra oportunidade oferecida pela realização das atividades de campo é o fato de possibilitarem uma socialização maior do grupo inteiro.”
(ZANCANARO, CARNEIRO, 2012, p. 53)

Por último, os docentes foram questionados sobre quais temas geográficos o trabalho de campo consegue auxiliar no ensino da geografia. Nas respostas os professores falaram muito do urbano e do rural, como uma simples saída no entorno da escola pode ajudar a entender questões como essa. Temas ambientais e a desigualdade social também foram muito lembrados. Uma resposta que chamou atenção foi de uma professora dizendo que todos os temas podem ser trabalhados através de trabalho de campo, depende do professor enxergar como usará essa metodologia de ensino.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista os resultados obtidos, pretende-se esboçar uma análise mais profunda do que foi proposto por esse trabalho de conclusão de curso, em que o objetivo principal é entender como o trabalho de campo é importante para o ensino e aprendizagem na geografia. Sendo assim, vamos alinhar as respostas obtidas através dos professores e os referenciais teóricos para formar uma discussão.

A geografia é uma disciplina que busca entender as relações complexas existentes entre o homem e o meio. Para atingir esse objetivo, o ensino de geografia não pode limitar-se a sala de aula, deve ser estendido ao mundo real, através do trabalho de campo, por isso essa atividade acaba sendo uma ferramenta fundamental para enriquecer a aprendizagem dos alunos.

Como mostra Lestinge (2008), as atividades extraclasse contribuem para a melhoria da relação ensino e aprendizagem, usando só da teoria pode cansar e desanimar o estudante. A autora ainda mostra que o trabalho de campo deve ser a maneira em que o aluno pode enxergar o mundo em que vive, e que o coletivo colabora muito para esse tipo de estudo.

Segundo Fontinha (2017), as atividades didático-pedagógicas realizadas fora do contexto da sala de aula apresentam grande valor educativo e elas devem ser preparadas e adequadas ao interesse dos alunos que são os protagonistas. As saídas de campo são capazes de desenvolver competências não só geográficas, mas podem formar indivíduos mais críticos e interpretativos. Por isso, essa metodologia deve ser implementada sempre que possível para compreender a geografia.

Nas saídas de campo entende-se que o processo de aprendizagem dos alunos tem diversos ganhos como a compreensão do ambiente real, conectando a teoria e prática; o estímulo a interpretação, fazendo com que os alunos apliquem o que viram dentro da sala de aula; o desenvolvimento de habilidades sociais, uma vez que o trabalho em equipe traz uma melhora a comunicação e colaboração. Ou seja, uma experiência como essa enriquece a educação e forma indivíduos.

Analisando as respostas dos docentes através dos questionários, pode-se observar que o principal ponto do trabalho de campo para os professores é alinhar a teoria com a prática, sendo assim, eles propõem uma atividade ilustrativa. Para

Zancanaro e Carneiro (2012), essa atividade é centrada no professor, reforçando o conteúdo da sala de aula, que é a mais tradicional de todas. Ou seja, os docentes ainda predomina uma abordagem tradicional desse tipo de atividade.

Notou-se nas respostas que os professores enxergam o urbano como uma das formas em que mais pode-se trabalhar as atividades de campo no ensino da geografia. Levando em consideração que grande parte das escolas estão inseridas no meio urbano, fica mais fácil de entender o predomínio temático nas respostas. Ainda mais em cidades tão urbanizadas como temos no Estado de São Paulo.

Silva (2019) mostra que a geografia apropriou-se dessa proposta metodológica para facilitar a compreensão das dinâmicas espaciais. As metodologias de ensino e de aprendizagem devem primar pela atividade do estudante para assim reconhecer a potencialidade que uma atividade como essa tem.

Por último, a pesquisa colaborou para mostrar o que já percebemos antes mesmo de estruturar a proposta. Ela nos mostrou que o trabalho de campo pode contribuir de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem dos alunos. E que o importante de uma atividade como essa, é que o professor consiga mostrar para o aluno que ela pertence ao espaço. E que além disso, os professores mostrem que o ensino de geografia não é só memorização de conteúdos e sim a prática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa exploramos minuciosamente a importância do trabalho de campo para o ensino de geografia, destacando seus impactos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, bem como seu papel na formação de indivíduos críticos e que interpretam as questões geográficas que o rodeiam. Durante toda a pesquisa observou-se o quanto a aula de campo é uma ferramenta útil para enriquecer a aprendizagem, oferecendo aos alunos experiências que transcendem a sala de aula e aproximam da realidade que os cercam.

Um dos principais pontos que foi possível constatar é que o trabalho de campo é uma alternativa que é capaz de despertar o interesse dos estudantes pela geografia, o que torna o aprendizado mais significativo. Essa possibilidade que é apresentada na atividade de sair da escola para explorar o ambiente de forma direta cria uma conexão entre teoria e prática, motivando os alunos. Esse contato direto com os lugares facilita a compreensão do que antes foi visto em sala de aula.

No entanto, é importante salientar que o trabalho de campo, apesar dos muitos benefícios, requer um planejamento e uma estruturação adequada. A falta de recursos e a negligência das instituições de ensino podem ser obstáculos que limitam o potencial dessa metodologia de ensino. E que foram muito citadas pelos professores como o maior entrave, a questão financeira. Portanto, é fundamental que essa prática seja reconhecida pela forte relevância que tem e que seja melhor apoiada em todos os âmbitos.

Analisando os resultados da pesquisa, é possível observar que os professores utilizam dos métodos mais tradicionais para a prática de campo, que é ilustrar a teoria na prática. Não há uma forma certa desta metodologia ser implementada, porém ela pode e deve ser utilizada de todas as formas possíveis que ajudem na aprendizagem dos alunos.

Essa pesquisa está limitada, muitos aspectos ainda podem ser explorados. Aqui todos os professores tiveram uma boa formação e provavelmente tiveram riquíssimas experiências durante a própria graduação, o que os levam a replicar agora como docentes.

Em síntese, a importância do trabalho de campo para a geografia é indiscutível. Ela enriquece o processo de aprendizagem, estimula a curiosidade,

desenvolve habilidades essenciais, e contribui para a formação de indivíduos mais críticos para todas as questões geográficas do mundo atual. A geografia é uma disciplina que vivenciamos na prática, por isso é fundamental a prática do campo para ter a compreensão profunda e significativa do espaço geográfico. Portanto espera-se que essa pesquisa estimule os professores que ainda não praticam uma metodologia tão enriquecedora. Para aqueles que já utilizam, fica o apoio para continuar exercendo uma prática que desenvolve muito o ensino e aprendizagem dos estudantes.

7. REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gutemberg Farias. **Aula de campo em geografia**. 2021. 36 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2021.

BATISTA, Bruno Nunes. Qual é o lugar do trabalho de campo nas aulas de geografia?. **Revista ensino de geografia, Recife**, ano 2018, v. 1, n. 2, p. 70-89, 1 ago. 2018.

BELIZARIO, Wesley. O Trabalho de Campo como uma Metodologia Ativa no Ensino de Geografia. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 3, 2020.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto, 1994.

BORGES, Igo Marinho, *et al.* Contribuições do trabalho de campo para aulas de geografia no ensino fundamental. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CASTELLAR, Sonia Vanzella. **Geografia Escolar: contextualizando a sala de aula**. Editora CRV, 2023.

FONTINHA, Filipa. Saídas de campo no ensino da geografia: uma metodologia ainda atual?. *Revista de educação geográfica |UP, Universidade de Porto*, ano 2017, n. 1, p. 79-91.

GUEDES, Josiel. Hidrografia e Google Earth: aula de campo virtual em tempos de pandemia. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2021.

JESUS, Myrian Cristina Santos; SANTOS, Mateus Ferreira. A Aula de Campo no Ensino da Geografia: experiências cotidianas na cidade para construção de aprendizagens. **Revista Ensino de Geografia**, v. 2, n. 1, 2019.

LESTINGE, Sandra *et al.* As contribuições a partir do olhar atento: estudos do meio e a educação para a vida. **Ciência e educação** , Brasília, ano 2008, v. 14, n. 3, p. 601-619, 2008.

LIMA, José André Alves. Aulas de campo no ensino da geografia: uma metodologia na efetivação da aprendizagem. **Conexão ComCiência**, v. 1, n. 1, p. 1-18, 2021.

MAFRA, Marcela Vieira Pereira; FLORES, Cristiane Freire. Trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 8, n. 15, p. 6-16, 2017.

MARQUES, Aline Mattos; MOTA, Marina; SOUZA, Maria Alice Veiga Ferreira. Aula de campo no ensino de geografia: uma visão pela literatura científica brasileira. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 10, n. 20, p. 357-372, 2020.

MOREIRA, Gileno Santos; MARQUES, Roseane Neves. A importância das aulas de campo como estratégia de ensino-aprendizagem. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 5, p. 45137-45145, 2021.

PATERNOSTRO, Nathália Nascimento; FONTES, Tereza. Paisagem e aula de campo. **Geopauta**, v. 6, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira: estrutura e sistema**. Autores Associados, 2018.

SBARDELOTTO, Vanice Schossler; FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. Ensinar Geografia é uma questão de concepção de método. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 12, n. 22, p. 05-23, 2022.

SILVA, Alcinéia de Souza *et al.* O TRABALHO DE CAMPO PARA ALÉM DE UMA ATIVIDADE PRÁTICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: UMA METODOLOGIA DE VIABILIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO. **Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ)**, [S. l.], n. 1, p. 31-45, 2019.

SILVEIRA, Ricardo Michael; CRESTANI, Dieiny Michelle; FRICK, Elaine de Cacia. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de Geografia para o Ensino Fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 4, n. 7, p. 125-142, 2014.

SOUZA, José Gilberto; JULIASZ, Paula Cristiane Strina. Geografia e Pedagogia: saberes historicamente determinados. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 1, n. 101, p. 1-25, 2019.

VENDRAMINI, William James; ALBUQUERQUE, Ester Medeiros. Ensino de geografia e ferramentas de aplicação em sala de aula. **Revista Geoaraguaia**, v. 13, n. 2, p. 70-89, 2023.

VILELA, Pollyana Fontinelle, *et al.* A Importância da Aula de Campo no Ensino e Aprendizagem da Ciência Geográfica. **Revista Eletrônica Casa de Makunaima-ISSN**, v. 2595, p. 5888, 2021.

ZANCANARO, Rosangela Justen; CARNEIRO, Celso Dal Ré. Trabalhos de campo na disciplina Geografia: estudo de caso em Ponta Grossa, PR. **TERRAE**, [S. l.], n. 9, p. 49-60, 2012.